



Brevíssimo histórico da trajetória do cristianismo primitivo, do Concílio de Nicéia e do Arianismo

Após a crucificação de Jesus, seus seguidores, chamados Nazarenos, constituíam mais uma entre outras seitas judaicas. Os discípulos de Jesus ainda assistiam aos cultos nas sinagogas e não se cogitava da fundação de uma nova religião, porque Jesus não tratou desse assunto durante o tempo que ensinou a todos as lições morais do seu Evangelho – a Boa Nova. O judaísmo dividia-se basicamente entre fariseus, saduceus e essênios, passando por mais uma divisão, com a formação do grupo dos Nazarenos, os seguidores do Mestre Jesus.

Após a conversão de Paulo de Tarso, esse novo nazareno empenhou-se profundamente no serviço de divulgação dos ensinamentos de Jesus. Por ter sido anteriormente um severo perseguidor dos nazarenos, Paulo era mal visto no grupo. Pedro, João, Tiago e os outros apóstolos, consideravam Paulo um intruso na comunidade nazarena ou igreja. Igreja significa simplesmente a reunião de pessoas, uma comunidade.

Para Paulo, os judeus que se convertiam ao cristianismo não precisavam mais da Torá, o livro doutrinário dos judeus, necessitando apenas seguir os ensinamentos de Jesus. Especialmente Tiago pensava diferente, desejando preservar as tradições religiosas e culturais do judaísmo. O confronto entre os dois ficou acirrado, impossibilitando a boa convivência entre ambos e Paulo resolveu afastar-se dos companheiros, passando a empreender viagens para diversas localidades, a fim de levar a mensagem de Jesus a diversos povos, especialmente para os não judeus, proporcionando a todos o conhecimento do Cristo e sua mensagem para a humanidade. O projeto de Paulo foi um sucesso! O Evangelho chegou até aos nossos dias e nunca será superado.

Na fase romana dos nazarenos, agora denominados cristãos, os seguidores de Jesus foram cruelmente perseguidos, até a conversão do Imperador Romano Constantino no ano 312. Essa conversão mudou radicalmente o rumo e a designação dos seguidores de Jesus. O Evangelho foi institucionalizado e constituído religião oficial do Império Romano, por influência e determinação do Imperador Constantino. Os novos líderes cristãos, chamados bispos, reunidos em assembleias, chamadas concílios, normatizavam a nova religião e estabeleciam dogmas a serem defendidos e seguidos como leis absolutas.

O Império Romano caminhava para a sua queda e naqueles dias turbulentos a capital do império deixou de ser Roma. O Imperador Constantino mudou-se para uma antiga vila de Bizâncio, Nicéia, e em apenas cinco anos, o imperador construiu a majestosa Constantinopla – Cidade de Constantino – a nova capital também transmutava o Império Romano do Ocidente para Império Romano do Oriente ou Império Bizantino.

Em 325 a pequena cidade de Nicéia, perto de Constantinopla, sediou um dos mais importantes concílios – reunião de bispos –, para decidirem a respeito de uma questão crucial inadiável: a natureza de Jesus. Precisavam decidir se Jesus era Deus.

Um detalhe importante é que o imperador e sua corte administravam os assuntos da Igreja. Portanto foi em obediência à convocação de Constantino, que os bispos se reuniram em Nicéia, para decidirem em definitivo a questão da divindade de Jesus. No final desse concílio ficou decidido pelos bispos que Jesus é Deus e mais que Deus; é também o Espírito Santo e é também o Filho, sendo Pai e Filho em si mesmo e mais o Espírito Santo. Parece confuso um três em um para a individualidade de Jesus. Assim é que surgiu e tem se perpetuado a Santíssima Trindade do Cristo.

A determinação da existência da Santíssima Trindade, pelos bispos do famoso Concílio de Nicéia teve oposição. Havia os partidários do presbítero Ário de Alexandria, que consideravam que Jesus não era Deus, portanto havia o Pai, que é Deus e o Filho, que é Jesus. o grupo dos partidários de Ário constituiu-se, então, um ramo do cristianismo denominado Arianismo. Para os cristãos arianos a Santíssima Trindade era inexistente. A propósito: Jesus nunca disse que era o Pai e sim o Filho. Só!

